

JOSÉ SARAMAGO EM CORRESPONDÊNCIA: VESTÍGIOS DE UMA VIDA ANTES DO NOBEL

MARIANA GONÇALVES

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA/FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

Resumo: Antes de obter reconhecimento como escritor, José Saramago, Prémio Nobel da Literatura 1998, traduziu mais de cinquenta livros e trabalhou, entre 1959 e 1971, na Editorial Estúdios Cor. Aí levou a cabo as funções de responsável de produção, tradutor e revisor, tornando-se desde cedo um agente no panorama editorial português. Neste artigo, será traçado um breve percurso biográfico do escritor, de modo a perceber-se a origem da sua actividade enquanto tradutor, e será analisada alguma da correspondência que trocou enquanto trabalhava na Estúdios Cor. O objectivo é estudar o papel que Saramago desempenhou em todo o processo editorial, nomeadamente no planeamento de colecções, encomenda de traduções e sua revisão, e, deste modo, contribuir para o estudo sobre tradutores em Portugal.

Palavras-chave: José Saramago; Editorial Estúdios Cor; agente; tradução; correspondência

Abstract: Before achieving success as a writer, José Saramago, winner of the 1998 Nobel Prize for Literature, translated more than fifty books and worked at Editorial Estúdios Cor between 1959 and 1971. There he was as a production manager, translator and proofreader, becoming an agent in the Portuguese publishing scene. In this paper, the writer's biography will be briefly traced to understand the origins of his work as a translator, and some of the letters he exchanged while working at Estúdios Cor will be analyzed. The aim is to study the role that Saramago played in the publishing process, namely in planning collections, commissioning and proofreading translations, and thus contribute to Translator Studies in Portugal.

Keywords: José Saramago, Editorial Estúdios Cor; agent; translation; correspondence

Introdução

Neste artigo, será abordada uma época da vida de José Saramago que não tem tanta visibilidade como as últimas décadas da sua vida, em que atingiu reconhecimento mundial como escritor, acabando por ser agraciado com o Nobel de Literatura, em 1998. Na sua vida anterior ao período em que decide dedicar-se unicamente à escrita, Saramago exerceu várias profissões: foi serralheiro mecânico, empregado administrativo, tradutor ou responsável de produção numa editora.

Existem alguns registos epistolares do seu período de trabalho na Editorial Estúdios Cor, editora para a qual fez traduções e na qual trabalhou como responsável de produção, entre 1959 e 1971. Alguma da correspondência que Saramago trocou com escritores e tradutores durante esses anos pode ser consultada na Biblioteca Nacional de Portugal, uma vez que o escritor doou parte do seu espólio a esta instituição em 1994. Em 2016, seis anos após a sua morte, a Fundação que leva o seu nome fez mais uma doação de parte do espólio do escritor. As informações patentes na correspondência consultável constituem um contributo valioso não só para o estudo desse período da vida do escritor, mas também para a História da Tradução em Portugal, pelo que serão aqui analisados excertos dessas epístolas. Será também feita uma pequena resenha biográfica do escritor, de modo a que possamos conhecer as suas origens e o modo como a tradução entrou na sua vida, primeiro como leitor, mais tarde como tradutor.

1. José Saramago: infância e juventude

O nome de José Saramago ficou irremediavelmente associado à sua faceta de escritor nobelizado e conceituado. É natural que, na maioria das vezes, se considere como obra literária saramaguiana apenas os livros que publicou como escritor e que atingiram reconhecimento mundial. Contudo, o trabalho literário de Saramago vai muito para além da sua produção autoral como escritor. Saramago foi tradutor numa fase mais jovem da sua vida, impelido principalmente por motivos financeiros, buscando um suplemento salarial ou mesmo um meio de subsistência. Ter-se-á mantido dessa profissão na segunda metade dos anos 70, quando decide viver apenas da escrita. O seu segundo romance publicado, *Manual de Pintura e Caligrafia*, sairia em 1977, e a sua carreira como escritor desenvolver-se-ia com grande fôlego apenas após a publicação de *Memorial de Convento*, em 1982, altura em que Saramago tinha já 60 anos. Assim, entre os anos 50 e 80, a tradução assume um papel

importante na vida de Saramago, na medida em que será, em grande parte, através dela que o escritor trabalha com Literatura e ensaia a narrativa.

A sua incursão pela escrita de um romance acontecera já em 1947, ano em que publica *Terra do Pecado*, o seu primeiro representante desse género. No entanto, nos 30 anos que se lhe seguirão, Saramago afastar-se-á do género romance e publicará três livros de crónicas (*Deste Mundo e do Outro*, 1971; *A Bagagem do Viajante*, 1973; *Os Apontamentos*, 1976) e três livros de poesia (*Os Poemas Possíveis*, 1966; *Provavelmente Alegria*, 1970; *O Ano de 1993*, 1975). Por volta de 1953, o escritor tentará publicar um segundo romance, *Clarabóia*, enviando-o para a Empresa Nacional de Publicidade. Não obtendo qualquer resposta nessa altura, o romance ficaria esquecido até cerca de 40 anos depois, quando lhe é proposta a sua publicação. Nesse momento já um escritor celebrado, Saramago recusa publicar a obra, manifestando a intenção de que *Clarabóia* não saísse enquanto fosse vivo. Após a sua morte, em 2010, a Fundação Saramago decidiu publicar o romance, o que aconteceu em 2011.

Entre as décadas de 40 e de 70, José Saramago tem uma vida que muitos dos que agora o conhecem como grande escritor poderão ignorar, de que fazem parte profissões como serralheiro mecânico, empregado administrativo, tradutor ou responsável pela produção numa editora. As suas origens humildes não prediziam que se tornasse um nome maior das Letras em Portugal e no mundo, mas a génese do seu pensamento e das questões que aborda nos seus romances bebem precisamente desse começo de vida.

José Saramago nasceu em 16 de Novembro de 1922, na aldeia da Azinhaga, concelho da Golegã. Era neto de Jerónimo Melrinho e Josefa Caixinha, guardadores de porcos, e filho de José de Sousa, a princípio jornaleiro, depois funcionário da PSP em Lisboa, e de Maria da Piedade. Jerónimo Melrinho foi a figura primordial na sua vida, tendo o escritor prestado a sua homenagem ao avô no discurso que proferiu em Estocolmo na cerimónia de aceitação do Prémio Nobel, que inicia com a frase: “O homem mais sábio que conheci em toda a minha vida não sabia ler nem escrever” (Saramago, 1999: 11). Também nas crónicas “O meu avô, também” e “Carta para Josefa, minha avó” (Saramago, 2010) Saramago revisita a figura dos avós maternos, descrevendo-os com toda a ternura e enaltecedo a sua humanidade e sapiência telúrica.

Tendo o pai de Saramago encontrado trabalho em Lisboa como polícia, a família muda-se para a capital em 1924, tinha o pequeno José dois anos. Por esta altura, o agregado familiar era ainda composto por Francisco, irmão mais velho de José, que, aos quatro anos, viria a falecer de broncopneumonia, no Natal de 1924, meses depois de a família se ter

instalado na capital. Dele conserva Saramago uma única memória, que o escritor confessa não saber se é realidade ou fantasia inventada pela mente.

“Estamos numa cave da Rua E, ao Alto do Pina, há uma cómoda por baixo de uma abertura horizontal na parede, comprida e estreita, mais fresta que janela, rente ao pavimento da rua (...), e essa cómoda tem as duas gavetas inferiores abertas, a última mais puxada para fora de maneira a formar degrau com a seguinte. É o Verão, talvez o Outono do ano em que o Francisco vai morrer. Neste momento (...) é um rapazinho alegre, sólido, perfeito, que, pelos vistos, não tem paciência para esperar que o corpo lhe cresça e os braços se lhe alonguem para chegar a algo que se encontra em cima da cómoda. (...) o irmão do Francisco nada poderia fazer para amparar na queda o ousado alpinista, se ela se tivesse dado. (...) Esta é, pois, a minha memória mais antiga. E talvez seja falsa...” (Saramago, 2006: 120-121)

Francisco viria a ser a grande inspiração para a elaboração do romance *Todos os Nomes* (1997), em que um funcionário da Conservatória do Registo Civil, curiosamente chamado Sr. José, procura uma “mulher desconhecida”, entretanto falecida, cujo registo encontra entre os documentos da Conservatória. Saramago procurou, na idade adulta, o local onde o irmão estaria sepultado, depois de ter solicitado a sua certidão de nascimento à Conservatória do Registo Civil da Golegã e ter verificado que aí não constava registo do seu óbito. Assim, a busca pelos arquivos dos cemitérios de Lisboa era a única opção para localizar o assento de óbito de Francisco, o qual acabou por ser encontrado, vindo Saramago a saber que o seu irmão havia morrido no dia 22 de Dezembro de 1924 e sido sepultado no cemitério de Benfica na véspera de Natal (Saramago, 2006: 124-125). Esta procura pelo universo das conservatórias de registo civil despertá-lo-ia para a ideia de que os nascimentos e óbitos de todos (ou quase todos) os seres humanos estão registados algures, em extensas listas, e que desses assentos depende a efectiva confirmação de que uma pessoa vive e, de súbito, desaparece, noção explorada no romance acima mencionado.

A morte do irmão traria consequências nefastas para o bebé e criança José no que ao afecto da mãe diria respeito. A dor de perder o primogénito terá endurecido a progenitora e secado a corrente de ternura e afecto que poderia ter vindo a dedicar ao mais novo. Saramago observa que, em alturas, muito lhe custou o distanciamento afectivo da mãe enlutada, muito elogiosa do filho falecido e ausente em mimos e afectos físicos para com aquele que, vivo,

deles estaria sedento. Talvez tenha contribuído essa distância emocional materna sentida desde cedo pelo pequeno José, mesmo que acompanhada de uma proximidade presencial, “para a criança melancólica, para o adolescente contemplativo e não raro triste” (Saramago, 2006: 19) que o escritor afirmou ter sido. Essas mesmas características o acompanharam em adulto, concorrendo decerto para a sisudez associada à sua figura pública. O próprio aludia ao facto de haver nele um pendor marcado para uma certa melancolia, expressa, por exemplo, através da tristeza de que dizia ser acometido inesperadamente e sem motivo aparente em ocasiões festivas. Confessava que tal lhe acontecia desde criança, o que o motivava, muitas vezes, a abandonar os festejos para não perturbar ninguém com o seu inevitável esmorecimento.

Em Lisboa, Saramago e a família mudam de casa diversas vezes, habitando espaços humildes, que partilhavam com outras famílias ou dos quais ocupavam apenas uma parte. João Marques Lopes, autor de uma biografia de José Saramago, afirma que “durante o período em que viveu com os pais, até aos vinte e um anos, Saramago passou por dez casas diferentes em Lisboa. (...) Em todas elas, sempre a mesma geografia física e social da Lisboa popular e proletária” (Lopes, 2010: 14). As suas distrações passavam pelo cinema, que via no Salão Lisboa, também conhecido por “O Piolho”, na Mouraria, onde o adolescente Saramago via fitas de terror que lhe inspirariam sustos e fantasias nocturnos (Saramago 2006: 57-59), ou no Cinema Animatógrafo, na Rua do Arco da Bandeira, onde se projectavam filmes cómicos (idem: 60-61). Sobretudo, o que lhe dava grande prazer era retornar à Azinhaga nas férias, morar com os avós durante esses meses, ajudá-los com a criação e a venda dos porcos, banhar-se no rio Almonda ou ouvir as histórias que o avô Jerónimo lhe contava à noite debaixo da grande figueira, episódio de que temos uma espécie de rememoração em *A Jangada de Pedra* (1986), quando duas das personagens dormem ao relento, sob as ramagens de uma árvore.

A compra do primeiro livro para o jovem Saramago teve também como pretexto uma ida a Azinhaga. Antes da partida para umas férias grandes com os avós, a mãe julgou que seria bom que o filho levasse alguma coisa para ler. Assim, mãe e filho vão a um estabelecimento que era metade papelaria, metade livraria, na Praça do Chile, e, não chegando a entrar, devido à timidez de ambos naquele ambiente desconhecido, o jovem Saramago escolhe ao acaso um livro arrumado numa estante lateral da porta. Tratava-se de uma tradução de uma obra de J. Jefferson Farjeon, *O Mistério do Moinho*, publicada em Portugal em 1937. A curiosidade do jovem Saramago pelo mundo da leitura começara muito antes, com a observação das letras dos jornais, primeiro do jornal *O Século*, com cujas folhas a avó

Josefa, analfabeta, forrava o interior de um baú, talvez porque achasse graça aos desenhos tipográficos, e depois do *Diário de Notícias*, que o pai levava para casa todos os dias. Conta Saramago que se detinha demoradamente a tentar ler as palavras do jornal e que foi com grande orgulho que conseguiu enunciar em voz alta algumas linhas de seguida, perante os adultos que dele se riham por fixar tão concentradamente aquelas letras. Na sua casa existiam apenas dois livros: um guia de conversação português-francês (em cujos exemplos surgia uma passagem que Saramago viria a saber mais tarde ser de Molière) e o romance *A Toutinegra do Moinho*, de Émile de Richebourg, que constitui a sua “primeira grande experiência como leitor” (Saramago, 2006: 99), embora o escritor venha a confessar não se lembrar de uma única linha. O seu contacto com a literatura acontece primeiramente enquanto ouvinte, nas sessões de leitura em voz alta que uma vizinha fazia da obra *Maria a Fada do Bosque*, de Lorenzo de Gualtieri, para uma assistência de duas pessoas que se “deixavam levar nas asas da palavra para aquele mundo tão diferente do nosso” (idem: 95): o pequeno Saramago, ainda analfabeto, e sua mãe, que analfabeta permaneceria o resto da vida.

A matrícula de José no ensino primário acarreta uma surpresa para os seus pais: ao pedirem uma certidão de nascimento do filho, descobrem os progenitores que este não se chama simplesmente José de Sousa, como o pai, mas sim José de Sousa Saramago, sendo este último apelido a alcunha por que a família era conhecida na Azinhaga. Saramago, nome de uma erva daninha que crescia na região, havia sido acrescentado ao nome do infante por vontade pessoal do funcionário do Registo Civil. O pai de Saramago viu-se então obrigado a acrescentar esse apelido ao seu próprio nome, de modo a que pudesse matricular o filho na escola, e tê-lo-á feito muito contrariado, episódio que levava o escritor a afirmar que talvez tivesse sido a primeira vez na História que um filho dera o nome ao pai.

Após concluir o ensino primário, Saramago frequentaria ainda o Liceu Gil Vicente durante dois anos (de 1933 a 1935), o qual se veria forçado a abandonar por falta de meios financeiros. Ingressa então na Escola Industrial de Afonso Domingues, onde vem a completar o curso técnico-profissional de Serralharia Mecânica em 1940. O ensino profissional dessa época continha no seu plano curricular disciplinas como História, Literatura ou Francês, com as quais o escritor muito beneficiaria, nomeadamente no começo da aprendizagem dessa língua estrangeira, cujo domínio seria fundamental para a possibilidade de fazer traduções. Durante o curso na Escola Industrial, Saramago adquire o hábito de frequentar bibliotecas, onde lê várias obras e autores. João Marques Lopes refere que terá sido na biblioteca da própria Escola que se terá deparado pela primeira vez com o heterónimo pessoano Ricardo Reis, através da revista *Athena* (Lopes, 2010: 157-158). O

próprio Saramago refere que durante algum tempo julgou que “havia realmente um senhor chamado Ricardo Reis, que tinha escrito aquelas odes” (Saramago in Reis, 2015: 39).

Além da biblioteca da Escola, Saramago frequentava também com assiduidade a Biblioteca do Palácio das Galveias, inaugurada em 1931, onde viria a adquirir grande parte da sua cultura literária. O escritor destaca como obra fundamental *Hímnus*, de Raúl Brandão, da qual, na sua opinião, seriam herdeiros vários escritores portugueses da sua geração. Relata também a impressão forte que lhe deixou *Nome de Guerra*, de Almada Negreiros, ou a importância da leitura de Montaigne.

O jovem Saramago conclui o curso em 1940 e começa a trabalhar em 1941 como serralheiro mecânico nas oficinas dos Hospitais Civis de Lisboa, particularmente na de São José. Apenas um ano depois, transita para os gabinetes administrativos dos Hospitais Civis, onde trabalha como escrutário. Esta mudança rápida pode indicar que Saramago demonstrasse já uma aptidão e competência para um trabalho mais intelectual e menos físico, e que essa sua faceta tenha sido reconhecida rapidamente pelas pessoas que trabalhavam consigo.

Em 1944, casa-se com Ilda Reis, sua primeira esposa, e começa a trabalhar, também como empregado administrativo, na Caixa do Abono de Família do Pessoal da Indústria Cerâmica. Em 1950, muda novamente de local de trabalho e inicia funções na Companhia de Seguros Previdente, onde ficará até decidir dedicar-se a tempo inteiro à Editorial Estúdios Cor. Durante todo o seu percurso profissional inicial, Saramago continuou a instruir-se sozinho, passando serões a ler nas bibliotecas de Lisboa.

2. O ofício da tradução

A primeira tradução feita por Saramago a ser publicada, pela mão das Publicações Europa-América, em 1955, foi da obra *A Centelha da Vida*, de Erich-Maria Remarque, incluída na “Colecção Século XX”. A Fundação José Saramago assinala no seu website essa primeira tradução da seguinte forma: “Dá à estampa nas Publicações Europa-América a 12 de Novembro de 1955 esta que é a primeira tradução literária de José Saramago. O escritor iniciava, assim, a sua actividade como tradutor que se cifrará em mais de 60 títulos até 1983”. Destes 60 títulos, chegaram a estar listados 36 no referido website, acompanhados pela respectiva capa original, sendo que, neste momento, encontramos apenas seis. Na base de dados *Intercultural Literature in Portugal (1930-2000): a Critical Bibliography*, surgem 27 registos associados a Saramago como tradutor. Alguns desses registos referem-se à mesma obra, uma

vez que assinalam uma reimpressão ou uma reedição. É de referir que esta base cobre apenas traduções literárias. Saramago traduziu também outro tipo de textos, de pendor histórico, político, filosófico ou artístico. Num outro website, denominado *ap-Aprender português* e que aparenta estar inactivo, encontramos uma lista, aí publicada em 1998, de 53 títulos traduzidos por Saramago, cuja existência confirmámos na PORBASE - Base Nacional de Dados Bibliográficos. Nesta compilação, é assinalável a variedade de textos e autores que acabaram por ir parar às mãos do futuro nobelizado. Aí se apresentam desde conteúdos marcadamente políticos, como *Sobre a ditadura do proletariado*, de Étienne Balibar, passando por compêndios históricos como *Civilização grega*, de André Bonnard, por biografias, como *A vida de Isabel I de Inglaterra*, de Jacques Chastenet, até textos de Psicologia, como *A psicologia e os seus domínios: de Freud a Lacan*, de Michel Richard. Constatamos, assim, que Saramago trabalhou muito para além da tradução literária.

Até ao momento, não foi possível apurar com exactidão todas as obras traduzidas por Saramago, mas esse é um trabalho em curso. Pelos dados até agora recolhidos, é notório que Saramago teve intensa actividade tradutória, e que as dezenas de obras em que actuou como tradutor (e a diversidade de géneros e temáticas) terão contribuído, sem dúvida, para a sua cultura. O estudo futuro que se desenha a partir desta informação segue no sentido de se abordar a forma como essa actividade e os conteúdos com que nela era confrontado terão tido influência no escritor em que se haveria de tornar.

Até agora, só foi possível detectar declarações breves do escritor sobre o seu trabalho de tradutor, referindo-se principalmente à segunda metade da década de 70 e início de 80, uma vez que esse foi o período em que, ficando desempregado, decide viver da escrita:

“Desde o 25 de Novembro, data em que fui classificado como contra-revolucionário pelo Conselho da Revolução, vivo de traduções. Vai fazer três anos. Já almocei e jantei alguns milhares de páginas, não raras vezes com muito proveito intelectual. Gosto do ofício. (...) Quem quiser viver do que escreve tem de ser de uma disciplina de ferro. O trabalho do tradutor é desgastante, frustrante. A capacidade de o realizar, a par de uma obra própria, depende da disciplina e da saúde. A tradução, como forma de sobrevivência do escritor profissional, é uma espécie de trabalho a táxi.” (Saramago *in* Aguilera, 2010: 77).

“Não chamo obra apenas ao que escrevi mas também à quantidade de livros que traduzi. (...) Eu vivia era das traduções e foram dez anos, ou coisa que o valha, em que eu trabalhei muito, muito, muito.” (idem: 98)

Podemos verificar que a obra saramaguiana, tal como o próprio escritor afirma, se estende também às suas traduções, que, por diversas vezes, lhe terão dado muito gosto. Tal como a sua escrita criativa autoral, também a tradução é encarada por si como sendo um ofício, que exige disciplina e dedicação. Além disto, o facto de a tradução e a obra própria acontecerem em simultâneo, numa dedicação exclusiva às Letras como forma de subsistência, exige do escritor uma grande capacidade de concentração e foco. Se olharmos novamente a compilação de traduções de Saramago, encontramos cinco livros publicados em 1976, seis obras em 1977, quatro em 1978, oito em 1979 e quatro em 1980. Esta contabilização confirma a intensa actividade nos anos que se seguiram à sua saída do *Diário de Notícias*, em 1975.

A incursão de Saramago em funções editoriais acontece em 1959, através de um convite que lhe é endereçado por Nataniel Costa, por esta altura director literário da Estúdios Cor. Saramago havia travado conhecimento com Costa por meio da sua participação em núcleos de intelectuais portugueses resistentes ao regime. A sua inserção nesses núcleos teria sido motivada pela sua amizade com Humberto d'Ávila, crítico musical. Este travara conhecimento com Saramago num dia em que se abeirara dele num café, convidando-o a acompanhá-lo a um recital no São Carlos, uma vez que tinha um bilhete a mais. Deste episódio dá conta o próprio Saramago num dos seus *Cadernos*, compilações das suas notas diarísticas que viriam a ser publicadas a partir de 1994 (Saramago, 1996: 95-97). É também nesse mesmo *Caderno* que Saramago recupera a figura de Nataniel Costa, por ocasião do falecimento deste, em 1995. Os dois foram apresentados no Café Chiado, na segunda metade da década de 50, por intermédio de D'Ávila. Saramago conta que Costa costumava falar muito dos autores que escolhia para a coleção “Latitude”, que dirigia na editora. Segundo Saramago, seria uma pessoa extremamente culta, com grande conhecimento literário e extraordinário apreço pela leitura. Nataniel Costa concorre, entretanto, ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, onde é admitido, e acaba por ser colocado em Bordéus, França. Mesmo ficando a dirigir as coleções da editora à distância, Costa sente a necessidade de deixar em Lisboa, no seu lugar, alguém que o substituisse e pudesse servir como seu intermediário. Para essa posição convida Saramago, num fim de tarde em Lisboa, por confiar nele e saber que este não o trairia. O escritor recorda esta conversa, afirmando o seguinte:

“O destino procede sempre assim, de repente põe-nos a mão no ombro e espera que viremos a cabeça e o olhemos de frente” (Saramago, 1996: 96). Saramago começa a colaborar na editora a *part-time*, depois do seu emprego na Companhia Previdente, mas rapidamente se dedica a tempo inteiro à casa editorial, uma vez que o volume de trabalho não permitiria outra opção. Aí fica durante cerca de 12 anos, de 1959 a 1971, “em dedicação total, com alguns gostos e não pequenos desgostos” (Saramago, 1996: 96).

A Biblioteca Nacional de Portugal guarda alguma correspondência trocada entre Saramago e Costa durante esses anos, como parte do espólio doado pelo escritor em 1994 (*Coleção José Saramago*, cota N45). Nesse acervo, encontramos também cartas trocadas com outros tradutores ou escritores, que poderão ser o ponto de partida para a análise do trabalho de Saramago no mundo editorial e na publicação de traduções do fim da década de 50, durante a década de 60 e inícios da década de 70 em Portugal.

3. Estúdios Cor: registos epistolares do trabalho editorial de Saramago na segunda metade do século XX

As cartas para Nataniel Costa (13) e de Costa para Saramago (30) constituem a maior parte do acervo epistolar patente na Biblioteca Nacional. O seu conteúdo abrange desde assuntos de trabalho da editora, como indicação de vendas, a desabafos pessoais sobre o modo de actuação dos administradores Correia e Canhão, nomeadamente, a forma como eles entenderiam que uma editora deveria dar lucro. Ao longo de toda a correspondência, estas duas figuras surgem principalmente sob uma luz negativa, entre outros motivos, por dificultarem a ligação de Nataniel Costa à editora. Como curiosidade, vale a pena mencionar que as cartas enviadas por Saramago a Nataniel Costa não estão assinadas pelo escritor, podendo daí depreender-se que se tratam de duplicados das versões efectivamente enviadas. As cartas de Costa surgem sempre assinadas e muitas delas estão em papel timbrado do consulado português em Bordéus.

A carta com data mais antiga é de Costa para Saramago, no dia 31 de Dezembro de 1959, e é uma resposta a uma missiva de Saramago de 28 de Dezembro, que não consta deste acerto. Nela é possível perceber que teria havido algum desentendimento entre os dois, que teria levado Saramago a equacionar o fim da colaboração com a Estúdios Cor por ter sentido que Costa questionaria a sua lealdade. Costa assume um tom conciliatório na carta e, perante o tom desagradado que Saramago teria utilizado na missiva anterior, acaba por dar pistas

sobre o trabalho que o futuro escritor exercia na editora e sobre a confiança que tinha nele e na sua competência:

“E se eu esperava do Saramago essa atitude enérgica a que me refiro é porque, ao contrário do que insinua, pretendo de si uma cabeça que pense e não uma máquina que trabalhe. Já alguma vez lhe pedi que me mandasse as “badanas”, apesar de tudo de certa responsabilidade, para eu ver se serviam? Já lhe pedi que, antes de ser impressa, me enviasse a prosa que escreve para o Boletim? Já pretendi ver previamente alguma das suas traduções ou controlar as alterações que introduz nas traduções alheias?” (Costa, N45/47)

Por estas declarações, ficamos a saber que Saramago escreveria os textos para as badanas dos livros publicados, os quais não seriam revistos por ninguém e ficariam ao seu inteiro critério. Era também responsável pelo prefácio de algumas colecções. É de sua autoria o prefácio presente no primeiro volume da coleção “Novelas e contos completos de Guy de Maupassant”, coleção que se estendeu por dez volumes, entre 1963 e 1973. O primeiro volume, *Bola de Sebo/A casa Tellier*, com tradução de João Belchior Viegas, é acompanhado por um prefácio de José Saramago, em que o autor tece considerações sobre o Realismo e o Naturalismo, a vida de Maupassant ou aquilo que acreditava constituir um verdadeiro criador. É possível sentir já neste texto muito bem escrito a mestria do escritor. Este prefácio foi republicado em 2012, acompanhando a reedição pela Relógio D’Água do segundo volume desta coleção, cuja tradução coubera a Saramago em 1965: *Mademoiselle Fifi/Contos da Galinhola*.

De igual modo, Saramago escreveria para o Boletim da editora e, como já mencionado, traduziria obras e corrigiria as traduções encomendadas que lhe chegavam. Exercia, assim, um trabalho em várias vertentes, sendo verdadeiramente activo no mundo editorial português dessa época. É inevitável, pois, que se abordem os conceitos de “agente” ou “agenciamento” para nos referirmos à sua profissão na Estúdios Cor. Saramago era um intermediário com poder no processo de publicação de traduções, determinando mesmo quais os “certos” e “errados” no processo tradutório de outros, como veremos mais adiante, através da correspondência que manteve com o tradutor João Pedro de Andrade. Tinha também a responsabilidade de apresentar nas respectivas badanas as obras que a editora publicava e, de certo modo, de justificar essa escolha nos prefácios que escrevia. Poderemos então referenciar aqui o conceito de “agente” referido por Milton e Bandia (2009), no sentido

de ser um mediador de um processo, mas também pelo facto de poder influenciar a renovação do tecido literário e cultural de uma dada sociedade, pela introdução de novos conceitos literários e políticos. Mais relevante é o facto de ser Saramago a guiar o leitor na apreciação inicial da obra, através do prefácio.

Prosseguindo nesta missiva de Costa, verificamos que o director literário colocado em França prezaria muito a opinião e o trabalho de Saramago, reafirmando uma vez mais a confiança que tinha nas suas capacidades. Pelo que poderemos especular, Costa poderia ter-se mostrado desagradado, em correspondência anterior, com algum silêncio e pouca frequência de notícias por parte de Saramago, o que teria motivado a carta de Saramago imediatamente anterior a esta.

“O que eu desejaria é que se estabelecesse entre nós uma colaboração mais estreita, que não fosse por vezes cortada por constrangedores e sempre perniciosos hiatos de silêncio, que V. me mandasse daí sugestões e planos, enfim, remássemos certos para atingir a mesma meta (...) Espero, após toda esta arenga, que a situação tenha ficado esclarecida. Não quero que saia da editora, nem pretendi pôr de qualquer modo em dúvida a sua lealdade. Se o escolhi entre tantos outros possíveis candidatos, foi por julgar que V. reunia as condições intelectuais e morais [palavras sublinhadas a caneta azul no original] necessárias. Pensava-o há um ano e penso-o ainda hoje.” (Costa, N45/47)

Na sua carta de resposta, Saramago reconhece e desculpa-se pelo “tom desabrido” com que escrevera, mostrando-se surpreendido com as palavras amigáveis de Nataniel, caracterizando o carácter do agora cônsul como “fechado e reservado, que afinal – com alguma surpresa minha – sabe ser espontâneo e simples” (Saramago, N45/14). Acorda em pôr uma pedra sobre o assunto e declara que, com este incidente, teriam ficado os dois a conhecer-se melhor, para proveito dos próprios e também da editora. Por esta altura, Saramago ainda trabalharia na Companhia Previdente, uma vez que menciona que escrevia a missiva roubando uns minutos ao seu trabalho na referida instituição. Promete a Costa ser mais “assíduo [no envio de notícias], tanto quanto o requer (e eu comprehendo) a sua ansiedade quotidiana por esta ‘carne da sua carne’” (Saramago, N45/14).

Percebemos nas cartas seguintes o crescente incômodo de Nataniel Costa com os sócios Correia e Canhão, que administrariam a editora de uma forma que lhe desagradava.

Costa crê mesmo que ambos, de certo modo, conspirariam para o ver fora da editora, que atravessaria um período de dificuldades. Numa fase inicial desta correspondência, Saramago, em carta de 14 de Julho de 1960, tenta “pôr água na fervura” e convencer Costa de que as opções dos dois sócios dentro da editora se prenderiam com o mau momento financeiro por que esta passava e não com um desejo de o excluir. Diz-lhe ainda que o facto de as suas ideias não serem postas em marcha se relacionava precisamente com a falta de dinheiro e não com um mau acolhimento das mesmas. No fundo, Saramago incentiva, neste momento, uma resolução pacífica das diferenças que se agudizavam entre Costa, Correia e Canhão.

“Nas vossas desinteligências – suas e dos Estúdios Cor – eu não, não posso nem devo tomar partido. Quanto muito, dou o meu parecer quando me pedem, ou quando sinto que esperam que eu o dê. Aqui como aí, têm desde sempre mostrado contar com ele, e com tanta simpatia que, às vezes, me surpreendo a falar dos negócios como se meus fossem ou mais de perto me tocassem. (...)

Esta lenga-lenga toda é necessária para prevenir qualquer ideia sua de que, nesta conjuntura, eu me tenha bandeado com o lado de cá, com esquecimento das obrigações que me prendem ao lado de lá. Nada disso. Se muitas vezes me fiz intérprete das opiniões do Canhão, em matéria de finanças, com um acento de franqueza tal que não ilude ninguém acerca de minha solidariedade, é porque vi, é porque assisti aos complicados problemas de dinheiro que quase quotidianamente se levantaram na editora, nos últimos tempos. Má administração? É possível. Não estou em condições de o afirmar ou o negar. Que as soluções adoptadas pelo Canhão sejam as melhores? Não o pretendo, mas aceito que uma pessoa que se sente afogar-se, não seja particularmente meiga na maneira como se agarra a qualquer coisa que a possa salvar. Em todo o caso, penso que os métodos de compressão de despesas que o Canhão propugna não serão desatilados, e muito menos quando lhe disser que as letras a pagar, que em Março passavam de 500 contos, pouco vão agora além de 250. Estes números, que um tanto confidencialmente o Canhão me mostrou há uns oito dias, mostram que, pelo menos neste sector, de que dependem afinal todos os outros, a orientação foi acertada.

É mau estarmos limitados, praticamente, à publicação de fascículos? Será, e

eu próprio, homem que ando metido neste mundo de letras, ainda que um pouco emprestadamente, gostaria de ver-nos a lançar mais livros e menos fascículos. Mas os gostos pessoais são uma coisa, e as necessidades materiais são quase sempre outra. Esta é a triste verdade.” (Saramago, N45/16)

Saramago refere ainda um aumento de vendas, decorrente do crescimento do número de títulos, declarando que não houvera, contudo, correspondência directa nos lucros esperados. Sublinha ainda que os projectos de Nataniel não eram postos de parte, como este acreditava, e que a sua ideia do “Mundo em que vivemos” (uma possível nova colecção, talvez) tinha sido muito bem acolhida. O problema era “a patente falta de dinheiro com que a editora tem lutado” (Saramago, N45/16). Exortando Nataniel a uma visita a Portugal e à editora, embora não de surpresa como o cônsul planeava, uma vez que desse modo poderiam os sócios ficar desconfiados, Saramago despede-se “com um grande abraço do amigo velho”.

Passado um ano, encontramos Nataniel Costa cada vez mais convencido da desconsideração a que era votado pelos dois sócios, e, em carta de 22 de Julho de 1961, o cônsul descreve um projecto por si proposto e aceite a contragosto na editora:

“a criação dos ‘Livros de Sempre’, uma espécie de editora minha dentro da Estúdios Cor, uma vez que não me é possível criá-la fora. (...) um favor lhe peço: que faça tudo o que estiver nas suas mãos para que os dois livros escolhidos sejam publicados dentro de poucos meses. Outro receio tenho ainda, relativamente à Princesa de Clèves: ser o filme exibido antes do aparecimento da tradução ou haver outra editora que a publique.” (Costa, N45/52)

Este projecto de Nataniel Costa ocupará grande parte das missivas seguintes para Saramago, uma vez que é nelas que Costa indica a Saramago as colecções e autores que planeia publicar. Pelo que nos é dado a perceber, Saramago continuou a fazer trabalho administrativo para a Estúdios Cor, mas colaboraria com Costa neste grande projecto. Por alturas de Outubro de 1961, Saramago manteria, à semelhança de Costa, uma relação difícil com Correia, devido aos “saltos bruscos de humor, a intolerância, a má-criação” do sócio, o qual, por sua vez, consideraria Saramago “susceptível, melindroso” (Saramago, N45/17). Nesta carta extensa, com data de 3 de Outubro, em que Saramago desabafa com Nataniel sobre o temperamento difícil do sócio e confessa que tem andado a pensar em mudar de

vida, embora lhe viesse a custar deixar a editora, existe também informação mais prática sobre assuntos relacionados com as traduções, nomeadamente, o valor que a editora pagava por este trabalho (Nataniel tinha solicitado esses valores em carta anterior):

“A bitola para o preço das traduções, ainda a conservo nos 1800 espaços - 10\$00, mas isto hoje é uma “miséria”, e geralmente, mesmo sem os patrões saberem, subo a “coisa” para 12\$00, mesmo assim insuficiente. Em regra, tomo em conta as dificuldades da tradução e a limpeza com que ela me aparece. V. veráoooque [sic] pode fazer, mas menos que os 12\$00 parece-me pouco.” (Saramago, N45/17)

O primeiro livro mencionado para a editora/colecção “Livros de Sempre” seria então *A Princesa de Clèves*, de Madame de Lafayette. Já em 7 de Setembro de 1961, Costa tinha referido a Saramago que gostaria que todas as obras da “Livros de Sempre” fossem precedidas de um estudo da autoria de escritores portugueses, mencionando Vitorino Nemésio para fazer a introdução para *A Princesa*. Saramago deveria ligar ao escritor a fazer-lhe esse convite, com a informação de que o preço “será o que ele exigir” (Costa, N45/54). No entanto, Costa declara que, para um estudo de meia dúzia de páginas, 500\$00 não seriam escassos. Estes dados são interessantes também como reflexo de uma época e do valor que aí era atribuído a estas funções.

Em 18 de Outubro de 1961, Nataniel Costa envia uma longa missiva a Saramago, na qual delineia a sua visão e estratégia para a “Livros de Sempre”: criar uma colecção de grandes clássicos, consagrados pelo tempo, precedidos todos por uma introdução, sempre que possível escrita por um autor português. Esta colecção poderia incluir obras isoladas, mas o objectivo fundamental seria publicar obras completas de grandes autores (Dostoievski, Tolstoi, Dickens, Balzac, George Eliot, Zola, Victor Hugo ou Maupassant). Costa manifesta a intenção de que seja esta a colecção que lance, pela primeira vez em Portugal, as obras literárias completas de Dostoievski, os romances completos de Dickens ou as novelas e contos completos de Maupassant.

“Além do interesse cultural que um empreendimento deste género apresenta, parece-me ser ele mais defensável até sob o aspecto comercial. A própria publicidade seria feita não a um livro, mas ao conjunto dos livros de um autor

– e poderia criar-se um sistema de assinaturas, em condições vantajosas, para quem desejasse adquirir todos os volumes.

Para isso, porém, um primeiro requisito se impõe: a saída regular e em datas previamente fixadas dos volumes que constituem a série. E eis a primeira dificuldade! Mas não seria possível vencê-la desde que tudo fosse feito com a antecedência necessária, mesmo que para tal tivéssemos de ter de reserva dois ou três volumes prontos e mais outras tantas traduções?” (Costa, N45/59)

É também nesta carta que Costa expõe o plano de publicação dos dez volumes da colecção de Maupassant, pensando no lançamento inicial, como publicidade à série, de um pequeno volume com 32 páginas, que contivesse um excerto da Introdução e dois ou três contos “aliciantes”. Chegado à questão dos tradutores, que Costa considera como “um difícil problema”, o cônsul propõe a Saramago que os dez volumes seja traduzidos alternadamente por si e por outro tradutor, como João Pedro de Andrade. Como curiosidade, em carta de 14 de Novembro de 1961, Costa dá conta do anúncio de lançamento da colecção “Clássicos Universais”, da editora Arcádia, e mais tarde, em correspondência de 18 de Novembro, transmite o susto que apanhara ao saber que a Atlântida de Coimbra iria publicar Maupassant. O facto de o nome deste escritor francês começar a suscitar atenção por parte dos editores portugueses era algo que o preocupava, por poder ameaçar o projecto inovador que tinha em mente. Estas notas são úteis para o estudo do funcionamento interno de uma casa editorial portuguesa de meados do século XX e também nos permitem saber quem se considerava serem, nessa altura, os grandes autores, aqueles que mereciam ser traduzidos e publicados. O conceito de *gatekeeping* é aplicável a esta situação, uma vez que a figura de editor ou director literário carrega o poder de escolher aquilo a que um público mais vasto tem acesso, ou seja, é um dos responsáveis pela instrução literária de um povo.

Em 3 de Dezembro de 1961, Saramago inicia a sua carta para Costa do seguinte modo:

“Sei, por ouvir dizer, que houve em tempos uns Estúdios Cor onde trabalhavam umas pessoas que faziam pela vida conforme lhes era possível, sem ambições além daquelas legítimas que todo o sujeito normal tem. Hoje, tudo mudou. O que há na Calçada dos Caetanos é uma nova Gallimard onde se pretende descobrir o processo de ganhar dinheiro sem publicar nada, ou

quase nada. Melhor ainda: onde se quer ter ideias sem capacidade para as parir.” (Saramago, N45/18)

Saramago tornara-se já muito crítico da estratégia tomada pela editora, nas pessoas de Correia e Canhão, e a amizade para com Nataniel e as suas ideias mostrava-se cada vez mais sólida. Saramago aceita a proposta de Costa de formarem os dois uma entidade indissociável dentro da editora, de trabalharem em bloco, de modo a evitar que o cônsul fosse afastado da Estúdios Cor. Quanto a Maupassant, Saramago traduzia por essa altura o *Panorama das Artes Plásticas*, de Jean Cassou, mostrando-se completamente indisponível para a tradução dos contos do autor naturalista.

“Comigo, não lhe será possível contar. O Panorama das Artes Plásticas chega-me e sobeja-me, em matéria de dores de cabeça. Não é só o tamanho da obra, é o arrevezado estilo do Cassou, é o constante esforço de despersonalização a que sou obrigado com as constantes transcrições de prosa alheia, de pintores, escultores, poetas, o diabo! Ainda bem não estou calhado num estilo, logo me aparece outro. E às vezes os sujeitos escreviam mal que se fartavam! (...)

Mas lembro-lhe o Belchior Viegas, agora outra vez disponível para esta faina das traduções. É bom tradutor, e razoavelmente desembaraçado. Conviria arranjar-se outro, mas quem há-de ser? Creio que o Cabral do Nascimento e a Maria Franco deverão ser pessoas a considerar, por todas as razões, embora o Cabral traduza tudo ‘à Cabral’(...)” (Saramago, N45/18)

Saramago acabará por traduzir o segundo volume desta colecção, escrevendo também a introdução, como já foi referido acima. Surpreendido pela insistência de Costa para que fosse ele o autor da introdução, Saramago lança-se a si próprio esse desafio: “o meu avô Jerónimo guardava porcos, e guardava-os bem¹; que o neto tente fazer igualmente bem a única coisa que sabe fazer: escrever” (Saramago, N45/19).

Pelo que nos é dado a ver pela correspondência em mãos, 1962 foi um ano difícil. Cada vez mais desiludido com a postura e accção de Correia e Canhão na editora e com a sua intransigência em aceitar o acordo proposto por Nataniel (em que Saramago passaria a usufruir de iguais direitos e de funções mais amplas), Saramago, com quase quarenta anos,

¹ Sublinhados no original.

equaciona a hipótese de emigrar para o Brasil, apesar de confessar que lhe seria penoso “deixar esta terra amargurada e infeliz, com um tão negro futuro diante de si” (Saramago, N45/22). Em 1 de Abril de 1962, o escritor confessa o seu grande cansaço físico, mental e nervoso, revelando a Costa que passa por grandes e dolorosos problemas pessoais. Mantém a ida para o Brasil como um caminho em vista, declarando, no entanto, que, apesar de ser uma mudança desejada, também é um passo que o assusta.

“Eu sei que o estrangeiro é sempre um exílio, como diz, mas não será escravidão o tipo de vida que levo, jungido a mil obrigações a que não posso furtar-me, enchendo as minhas vinte e quatro horas por dia com muito mais do que ela razoavelmente deveriam comportar? Qual é a minha distracção? Cinema, uma vez por outra, ténis nos fins-de-semana... Ao cinema vou como quem se narcotiza, o ténis jogo-o com uma espécie de desespero, como um alcoólico que bebe para esquecer!” (Saramago, N45/23)

Quanto à editora, Saramago prevê que talvez não tenha existência longa, assim como outras editoras pequenas em Portugal. Diz a Costa que as vendas estão a diminuir e que o público trata as edições da Cor com indiferença. Segundo a sua opinião, os dois anos seguintes seriam decisivos. Sobre o sonho de constituir com Nataniel uma editora própria (proposta feita por Costa em carta anterior), revela que, apesar de muito aliciante a ideia, não será realista face à realidade do mercado editorial português.

Na restante correspondência trocada entre Saramago e Costa, este último relata o envio de obras francesas para Portugal e acontece ainda um mal-entendido entre os dois: Costa mostra-se desagradado por estarem a sair obras na Cor de que ele não tem conhecimento e sugere que Saramago já se terá deixado enredar pela editora, uma vez que teria guardado segredo sobre essas publicações. Além do mais, indaga Saramago sobre o porquê de este não lhe responder às cartas, nem às pessoais que vão para sua casa, nem às oficiais que vão para a editora. Saramago contrapõe, em 22 de Abril de 1962, que não se aliara aos sócios que planeavam pôr Costa à parte e que a sua comunicação escassa se prendia, em grande parte, com o cansaço e com as complicações por que passava.

“Se alguma vez estive enredado nas maquinações editoriais da Cor, não é agora, nem há muito tempo o é. As ilusões, se as tive, perdi-as. Mesmo quando as tinha, sempre me recusei a ouvir as aliciantes meias palavras com

que me envolviam; não ia ser nesta altura que eu me bandeava com pessoas cujo objectivo tem sido, desde sempre, pô-lo à margem a si. É certo que V. lhes tem fornecido todas as armas de que eles precisavam. Por mais que isso lhe pese, Nataniel, V. não tem sabido lidar com eles. A sua política deveria ter sido a de fazer-se desentendido, mesmo com risco de parecer tolo e “saloio”. Creio que ainda está a tempo de recompor o que se desagregou, com mansidão e calma lá chegará.” (Saramago, N45/25)

A última carta de Saramago para Costa que encontramos no acervo da Biblioteca Nacional data de 11 de Novembro de 1971 e dista quase dez anos da anterior. Trata-se da carta em que Saramago comunica que se demitiu da Estúdios Cor, depois de, regressado de férias, encontrar novos sócios e uma nova directora literária, Natália Correia. Um novo grupo financeiro teria tomado a editora e exigido a colocação de Correia, sem que Saramago tivesse recebido qualquer informação prévia. Segundo conta o escritor, a sua demissão teria surpreendido os restantes, que teriam insistido para que ficasse, ganhando mais e dirigindo as colecções ensaísticas, ficando Correia com a ficção. Saramago ter-se-ia mantido irredutível, e, apesar de ficar desempregado, a saída da editora seria para si um alívio.

Encontramos ainda duas cartas de Costa para Saramago, com datas de 1 de Dezembro de 1972 e 12 de Abril de 1973: na primeira, o cônsul revela a Saramago que reassumira, a partir desse dia, as suas funções na Estúdios Cor, ficando responsável por toda a direcção literária, e que as funções de Natália Correia teriam ficado reduzidas a quase nada (Saramago tinha saído da Cor há um ano); na segunda, que ostenta o timbre do Consulado-Geral de Portugal em Estrasburgo, sugerindo que Costa estaria aí colocado na altura, o cônsul alude a uma conversa que Saramago teria tido com Maximino Gonçalves, em que este lhe teria proposto voltar a colaborar com a Cor, através de tarefas como a execução de textos de promoção publicitária ou recolha e apreciação de textos para publicação. Costa pede a Saramago que aceite provisoriamente estas condições, sendo que, daí a dois meses e meio, regressaria definitivamente a Lisboa e poderiam estudar os dois de que forma Saramago voltaria a ocupar um lugar firme na editora. Ainda não foi possível averiguar se Saramago voltou efectivamente a colaborar com a Cor em algum domínio. Não terá voltado a trabalhar exclusivamente para a editora, mas poderá ter realizado alguns trabalhos esporádicos.

Vale a pena ainda tecer algumas considerações sobre o trabalho de Saramago enquanto revisor de traduções. A sua actuação seria assertiva e bastante segura na consideração do que julgava estar bem ou mal traduzido. Em resposta a carta de João Pedro

de Andrade (N45/36), tradutor do 5.º volume da colecção “Novelas e Contos Completos de Guy de Maupassant” (*Contos do dia e da noite/Toine*), em que este se mostrava bastante incomodado com as correcções à sua tradução, Saramago reafirma a sua posição:

“O caso ficaria por aqui, mas há a última parte da sua carta, que classifica uma frase minha de ‘fórmula usada por quem já não tem o que dizer’. O que eu ainda tinha para dizer (uma vez que não o convenci com o que disse), está nas provas que envio em separado, assim como o original francês. Queira verificar, se entender dar-se a esse trabalho, e devolver-me tudo ou informar-me de quando posso manadar [sic] buscar. Pedir-lhe-ei desculpa da carta que escrevi se o João Pedro de Andrade achar que não tive razões para escrevê-la.

Mas, por favor, não diga que é preciso que tu tomes um bocadinho à tua conta está mais perto de il faudra bien que tu en prennes ton parti² do que tens de compreender e aceitar! Qualquer francês lhe dirá que está redondamente enganado. Prendre son parti é aceitar, conformar-se, resignar-se.

Não vou discutir as interpretações que dá na sua carta, mas peço a sua atenção para o enfoncement no contexto: a cama do casal está metida num enfoncemente [sic] o sentido da frase e a lógica da situação não admitem o seu recuo e impõem o meu esconso. O que os dicionários lhe dizem importa pouco neste caso. Qualquer de nós pode meter uma cama num esconso, nunca num recuo.

Peço-lhe que veja essas provas.” (Saramago, N45/12)

O tradutor acaba por concordar com Saramago na sua carta de resposta (N45/37). Também na correspondência enviada a Nataniel Costa, Saramago descreve um problema tido com um tradutor que deixara o trabalho a meio:

“A situação presente é esta: parte da tradução entregue, ausência de notícias do tradutor, apesar da cerrada perseguição que até certa altura lhe fiz, resto do original entregue a outro tradutor, incerteza quanto à data em que o livro finalmente sairá. Passei hoje o dia todo às voltas com as provas do Moby

² Todos os sublinhados desta citação estão no original.

Dick, porque o Daniel Gonçalves fez, afinal, mau trabalho (alternando com belíssimas passagens), ‘comendo’ parágrafos inteiros para apressar a tarefa, cometendo deslizes de palmatória que eu tenho de corrigir encostado ao bordão da tradução francesa. Junte a isto um revisor que se esquece de o ser – e tem uma pálida amostra das dores de cabeça que este malfadado livro me tem dado. E as tais dores de cabeça estão lavar e durar...” (Saramago, N45/19)

Todos os excertos da correspondência de Saramago analisados ao longo deste artigo pretendiam fazer o retrato de uma época da sua vida desconhecida para a grande maioria dos seus leitores. A forma como trabalhou no meio editorial, fazendo, encomendando e revendo traduções, abre um novo campo de estudos relativos ao universo saramaguiano. Através da sua correspondência, é possível espreitar a sua vertente profissional, mas também pessoal, e descobrir novos cambiantes na vida do escritor reconhecido na sua sexta década de existência e nobelizado aos 76 anos.

Conclusão

A correspondência analisada neste artigo permite perceber que papel desempenhou Saramago ao longo dos seus anos na Estúdios Cor. O escritor trabalhou activa e intensamente não só na vertente administrativa da editora, mas mais significativamente no planeamento de colecções, encomenda de traduções, contacto com escritores e intelectuais da época, revisão de textos recebidos ou produção de badanas e textos publicitários, entre outras tarefas. João Marques Lopes refere ainda que Saramago também terá sido desenhador (Lopes, 2010: 36), pelo que constatamos que a sua intervenção se estendeu a vários campos do trabalho editorial. Esta correspondência ilumina parte da vida de uma editora portuguesa, que deu à estampa diversas obras traduzidas, organizadas em colecções como “Latitude”, “Cor de Bolso”, “Ideias e formas” ou “Filósofos de todos os tempos”, apenas para referir algumas. O formato da colecção generalizou-se em Portugal, talvez como uma estratégia para fidelizar leitores a uma determinada série de livros, organizados por temáticas ou autores. As traduções surgiram, em grande parte, nestas colecções.

É também inegável que a intensa actividade como tradutor e a diversidade de obras que traduziu terão conferido a Saramago uma grande cultura, que se veio juntar à que construiu em serões prolongados e frequentes de leitura nas bibliotecas de Lisboa. O

próximo passo será tentar perceber como terá este ofício de traduzir influenciado ou afectado a produção criativa própria de Saramago. De que modo serão as suas obras autorais devedoras da sua produção traduzida? Célia Caravela faz uma incursão por esta temática de estudo no artigo “José Saramago traducteur de Georges Duby: un *temps d'apprentissage pour le futur romancier*”, em que relaciona a tradução de Saramago de *O Tempo das Catedrais*, de Duby (Editorial Estampa, 1983), e a sua obra *História do Cervo de Lisboa* (Caminho, 1989), motivada pela ideia de que “o estudo da sua [de Saramago] ficção historiográfica revela a assimilação de teorias e metodologias preconizadas pela Nova História” (Caravela, 2012: 164). Assim, poderá ser formulada a hipótese de que a escrita saramaguiana beba também das várias traduções feitas pelo escritor. Trata-se de um primeiro passo nesta linha de investigação, que aparenta ser promissora, mas também complexa. De qualquer modo, poderemos esperar que os resultados que advirão do seu estudo sejam significativos e elucidativos do valor da tradução para a formação de um sistema cultural, individual ou colectivo.

Obras citadas:

- Caravela, Célia. "José Saramago traducteur de Georges Duby: un *temps* d'apprentissage pour le futur romancier". In *Diacrítica*, vol. 26, n. 3. Vila Nova de Famalicão: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho em colaboração com Edições Húmus, 2012: 163-184.
- Gómez Aguilera, Fernando (org.). *José Saramago Nas Suas Palavras*. Alfragide: Editorial Caminho, 2010.
- Lopes, João Marques. *Biografia. José Saramago*. Lisboa/Paço de Arcos: Guerra e Paz Editores/Edições Pluma, 2010;
- Milton, John e Paul F. Bandia. "Introduction: Agents of Translation and Translation Studies". In Milton, John e Paul F. Bandia (eds.) *Agents of Translation*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2009: 1-18;
- Reis, Carlos. *Diálogos com José Saramago*. Porto: Porto Editora, 2015;
- Saramago, José. *Cadernos de Lanzarote. Diário – III*. Lisboa: Editorial Caminho, 1996;
- Saramago, José. *Discursos de Estocolmo*. Lisboa: Editorial Caminho, 1999;
- Saramago, José. *As Pequenas Memórias*. Lisboa: Editorial Caminho, 2006;
- Saramago, José. *Deste Mundo e do Outro*. Lisboa: Editorial Caminho, 2010.

Arquivos consultados:

Biblioteca Nacional de Portugal (BN): Coleção José Saramago, Esp. N45; (<https://purl.pt/13867/1/index.html>);

Outras fontes:

- ap-Aprender português: <http://www.oocities.org/fernandoflores.geo/tsaramag.htm> (acedido em 13 de Junho de 2023);
- Fundação José Saramago: <http://www.josesaramago.org/> (acedido em 13 de Junho de 2023);
- Intercultural Literature in Portugal (1930-2000): a Critical Bibliography: <http://www.translatedliteratureportugal.org/> (acedido em 13 de Junho de 2023);
- PORBASE - Base Nacional de Dados Bibliográficos: <https://porbase.bnportugal.gov.pt/> (acedido em 23 de Agosto de 2019).